|  |
| --- |
| **COMISSÃO DA VERDADE (22)**  **PRESIDENTE**  **DEPUTADO ADRIANO DIOGO - PT**  **14/03/2013** |

**COMISSÃO DA VERDADE**

**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**14/3/2013**

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Comissão da Verdade do Estado de São Paulo.

Audiência com depoimentos de mulheres sobreviventes.

São Paulo, 14 de março de 2013, Auditório Teotônio Vilela.

Instalação. Está instalada a 22ª Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 14 de março de 2013, Assembleia Legislativa, Auditório Teotônio Vilela, para oitiva de depoimentos de mulheres sobreviventes, Elza Lobo e Ieda de Seixas.

Antes de constituir a Mesa, eu só queria pedir para dar oficialmente.

Podemos ficar aqui nesse canto, para efeito de gravação? Podemos ficar? Elza, senta aqui, por favor. Ieda, vem para cá.

Antes de começar os depoimentos, eu queria dar uma notícia, que é importante, que se conceitua na literatura no campo que nós estamos trabalhando, como sítios da memória. Então, ontem, o governo federal, através do Serviço de Patrimônio da União, divulgou a seguinte nota, transcrita pelo jornalista Bruno Paes Manso:

“O prédio amarelo e marrom de arquitetura eclética, que por 72 anos abrigou o Tribunal da Justiça Militar, na avenida Brigadeiro Luís Antônio, zona sul de São Paulo, vai receber o Memorial dos Advogados e Presos Políticos Contra a Censura, além de funcionar como sede das Comissões Nacional e Estadual da Verdade.

Durante a ditadura militar, no local foram julgados o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a atual, Dilma Rousseff, além de ser palco de inúmeros episódios da história política brasileira. Há dois anos, o imóvel, que pertence à União, aguardava a definição de seu destino.

Os moradores da Bela Vista pediam para que ele fosse transformado em uma Companhia da Polícia Militar.

A Superintendência do Patrimônio da União chegou a oferecê-lo para a Guarda Civil Metropolitana.

No fim de fevereiro, o prédio chegou a ser invadido por movimentos sociais que cobravam uma definição sobre o destino do edifício.

Tivemos, na sexta-feira, uma reunião com o prefeito Fernando Haddad, que liberou o imóvel para ser cedido à Comissão da Verdade, disse a superintendente do Patrimônio da União em São Paulo, Ana Lúcia dos Anjos.

 O deputado Adriano Diogo, presidente da Comissão Estadual da Verdade, comemorou a decisão. Agora só falta o DOI-CODI, disse, em referência aos fundos do 36º Distrito Policial, no Paraíso, zona Sul, um dos centros de tortura durante a ditadura militar.

A Comissão da Verdade também quer transformar o prédio em um museu, como aconteceu com a antiga sede do DOPS, próximo da estação da Luz, no centro.

Absurdo. Quem não gostou da decisão foram os moradores da região, que brigavam para ter uma base da Polícia Militar atuando na área. Eles afirmam que há muitos furtos e roubos na região, por causa da grande quantidade de universidades nos arredores. Os estudantes são muito visados. A comunidade queria uma base da PM para aumentar a segurança do bairro, afirma o vice-presidente do Conseg, Flávio Guarniero”.

Ainda bem que o Bruno Paes Manso tem juízo e pôs como subtítulo, “Absurdo”, não é?

 “O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, OAB-SP, Marcos da Costa, afirma que o Memorial será fundamental para contar a história da luta pelos direitos. Ainda estamos discutindo como montaremos o Memorial, mas mostraremos fatos que ajudam a saber mais sobre a cidadania no Brasil”.

Então acho que é um importante passo para a democracia e para contar a história que essas mulheres vão contar hoje aqui, a Elza Lobo e a Ieda de Seixas, irmã do nosso companheiro Ivan Seixas.

Ainda para terminar eu quero dizer o seguinte, quem quiser assistir ao filme que o Alípio fez, junto com o Núcleo da Memória, pode confirmar pelo endereço eletrônico [andresa@pjsp.org.br](mailto:andresa@pjsp.org.br) ou [contato@nucleomemoria.org.br](mailto:contato@nucleomemoria.org.br). Sem mais delongas, vamos passar aos depoimentos das nossas companheiras.

Quem começa? Elza? Vamos lá. Com a palavra, Ieda de Seixas.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS -** Meu nome é Ieda Akselrud de Seixas. Eu sou filha de Joaquim Alencar de Seixas e Fanny Akselrud de Seixas.

No dia 16 de abril de 1971, eu, a minha mãe e a minha irmã fomos presas à noite na casa em que morávamos. Meu pai e meu irmão, Ivan, porque eu tenho mais um irmão chamado Irineu, que é o caçula...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Dá uma água para ela.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Que raiva. Eu não sou assim. Estou com raiva agora.

Bom, nós fomos as três, meu irmão foi levado para minha casa, o Ivan, ele estava ensanguentado, andando com dificuldade, algemado, aí nos prenderam. Eu ainda, não por coragem nem por nenhum tipo de bravura, eu tentei resistir, tentei pegar uma metralhadora, que estava acima do sofá, em ato de loucura, porque eu não estava normal. Eu realmente, na hora da prisão, acho que eu saí do ar.

Aí nós fomos levados para o DOI-CODI, onde eu fui separada da minha mãe e da minha irmã, fui levada para um banheiro. Primeiro fui interrogada e eu não estava normal. Aí me trancaram em um banheiro que era um banheiro cumprido, que tinha uma pia, um chuveiro em cima da pia e um vaso sanitário, e depois uma cama que era só uma tela com um cobertor em cima.

Ai eu fiquei ali, entravam homens toda hora, uns davam tapa na cara, pegaram, tiravam o cigarro da minha mão, enfim, de repente eu ouvi gritar assim: “Traz o Ivan”, todas as luzes se apagaram do prédio e uma rajada de metralhadora e eu ouvi os gritos da minha mãe, naturalmente.

Depois eu fiquei nesse banheiro, aí, entrou, de repente entraram, acho que entraram uns 10 homens, eu não lembro o nome de todos, mas, com certeza eu lembro o nome de um que é Davi dos Santos Araújo, foi um delegado de polícia, conhecido lá como capitão Lisboa, como, ele tinha vários nomes.

Era um sujeito asqueroso, parecia um ogro, de chapeuzinho assim. Ele usava um maldito chapéu. E aí, eu estava sentada nessa cama, aí um outro sujeito sentou aqui do meu lado e começou me pressionar, e ele daqui me pressionou também, tirou o sapato e ele abusou sexualmente de mim. E o meu desespero foi muito grande, eu pedia para ser torturada. Uma coisa meio estúpida, eu dizia, “Me dá choque, me bate, mas não faz isso comigo”.

Aí aquilo durou algum tempo, depois me tiraram, de madrugada, já estava amanhecendo o dia, um carro também cheio de homens, eu também não sei o que eles queriam nem aonde eles me levaram. Eu fiquei sabendo depois que me levaram para o Parque do Estado, que parece que era o estradão, o famoso estradão do Esquadrão da Morte.

Não me causou um medo pelo seguinte, porque eu não tinha noção de onde eu estava e eu achei que iam me matar. O meu irmão foi levado em um outro carro, uma hora eles pararam acho que para tomar café, sei lá o que, em uma banca de jornal, e eu vi estampada a notícia da morte do meu pai.

Mas, cabe salientar que meu pai estava vivo ainda. Noticiaram a morte do meu pai no dia 17, de manhã, mas o meu pai só foi morto no 17, à noite. E durante todo esse tempo, que eu estive dentro desse carro, novamente esse Davi dos Santos de Araújo, porque tinha um que me pressionava, me imobilizava com o corpo, e o Davi dos Santos de Araújo novamente abusou de mim.

Depois, bom, enfim, voltamos para OBAN, e estar na OBAN, você não precisa, não precisam botar a mão em você, porque eu tenho os gritos na minha cabeça até hoje, porque a sala que as mulheres ficavam, a cela, eram duas celas, eram umas salas improvisadas, em cima ficava a sala do pau.

E uma vez, que não precisa descrever aqui, acho que outras pessoas já fizeram, o cotidiano da Operação Bandeirante, do DOI-CODI. E eu não sei até hoje, por que é que eu fiquei um ano e meio presa, e fiquei quase um mês, 27 dias na Operação Bandeirante se eu nem era militante, eu era apenas filha do meu pai.

Aí um dia chegaram para nós, estávamos eu, a minha irmã, a Tânia Maria Mendes, uma jornalista da Ala Vermelha, e uma moça chamada Beatrice, que eu não sei o sobrenome e nem sei quem, porque aquela figura era muito estranha, não era militante, eu não sei como é que aquela mulher apareceu.

Na outra cela estava a minha mãe, a Joana D’Arc Gontijo, a Márcia Neli e tinha mais umas duas meninas do Espírito Santo, a Pedrina e a Maria Helena, que eram mulheres, uma mulher do Henrique e a outra mulher do Rei, Dimas Antônio Casemiro.

Aí eles chegaram e disseram assim, “Pedrina, Maria Helena e Fanny para trabalhar na cozinha”. E eu e a minha irmã, na mesma hora, assim, óbvio, porque nós não iríamos permitir, porque eles queriam, a gente viu naquilo um ato de querer quebrar a minha mãe, porque a minha mãe era mulher do Joaquim Alencar de Seixas, que eles mataram, porque eles tinham uma gana, não sei até hoje por quê, e que eles queriam humilhar.

Então nós duas dissemos, “Nós vamos”. E sem que nada tivesse sido falado. Foi um troço absolutamente espontâneo, a Tânia Maria Mendes, a Joana Gontijo e a Márcia Neli, “Nós também”. Então nós fomos para a cozinha. Eu falo questão de registrar isso, porque eu sei que para muita gente da Esquerda pode constar que nós estávamos colaborando, mas nós não estávamos colaborando. Foi uma atitude política, porque ou a gente fazia assim ou a minha mãe, a Maria Helena, a Pedrina, iriam apanhar e iam acabar tendo que ir.

E nós aproveitamos essa situação para o quê? Para começar a mandar comida, porque vocês devem saber muito bem, se vocês não sabem, é o seguinte, a hierarquia da comida era: os oficiais, delegados, toda a rapinagem, os cachorros, as mulheres e depois vocês. E nós começamos a esconder comida. A comida chegava à gente escondia ovo, carne, que todo mundo estranhou quando começou a comer carne.

Foi uma atitude política. Pode constar para o resto da esquerda que a gente estava colaborando, mas eu faço questão de esclarecer isso. E em uma das vezes que a gente estava, quando a gente estava nessa cozinha...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Você sabe que uma vez, eu não queria nunca interromper, mas essa, vocês sabem que uma vez eles chegaram com um latão, eu estava lá fora, eles puseram o cachorro para comer a nossa comida, antes no latão.

**A SRA. IEDA SEIXAS –** Mas era isso mesmo. E tinha uma coisa, aqueles bestas, tinha um sujeito que enfiava, como é que se diz, bife no bolso e a ordem era essa, para servir assim: os oficiais, os delegados, depois vinha a rapinagem menor, depois o cachorro, depois as mulheres e vocês eram os últimos. Então a gente resolveu assim, que a gente disse assim, “Os caras têm que estar fortinhos, pelo menos para apanhar mais forte”.

Então a gente levava ovo, fruta, escondíamos, que não era permitido, para vocês. Isso era uma coisa para vocês, não era para ir carne e nem ovo. A gente botava embaixo do arroz, carne e ovo.

Enfim, mas a atitude política era o seguinte, ou a gente cedia indo para cozinha ou ia apanhar todo mundo e ia para a cozinha de qualquer maneira. Ou não?

Aí, quando nós estávamos na cozinha...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** A Tânia Maria Mendes qual que era?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** A Tânia Maria Mendes era uma jornalista da Ala Vermelha. A mulher do Fernando Marcelo. E a outra é a Márcia Neli, não sei, não me lembro do sobrenome dela. Ela é uma professora de Geografia, que mora agora em Minas Gerais.

Aí uma das vezes, quando nós estávamos na cozinha, chegou preso, quem conhece, lembra da Operação Bandeirante, você tinha algumas alternativas de entrar direto, ou se não, entrava e sentava em um bendito banco bem perto da cozinha. E ali tinha um menino sentado, que eu acredito, ele era extremamente franzino, um garoto louro, de cabelo muito claro, estava extremamente assustado, claro, e ele estava assim com uma camisa social, e eu me lembro do detalhe que ele dobrou aqui a manga, a manga era dobrada assim, mas ele era muito franzino.

Eu olhei, esse guri deve ter uns 13 anos. Ele devia ter mais, é claro. A Joana teve a oportunidade, chegou perto dele e perguntou se ele queria água. Ela não atinou, nem ele falou o nome, nem nada. Claro que deram um safanão na Joana e levaram o garoto e os recolheram imediatamente. Porque uma das tarefas nossa era lavar louça, mas nesse dia não mandaram lavar louça.

E aí começaram a torturar esse garoto e por volta, sei lá, de umas 14h30, 15h, e ele foi torturado até o anoitecer. E ele morreu. E eu não sei quem é esse garoto. Eu não sei. A única, a referência que eu me lembro de falarem qualquer coisa Santos, mas eu não sei se era a cidade, se era o sobrenome, e esse garoto só dizia, “Pelo amor de Deus, eu não sei do que é que vocês estão falando”.

E aí ele foi torturado, e aí uma hora, de repente silenciou e um dos diabos lá falou assim, uma coisa como, não é se excedeu, eu vou usar uma palavra, uma expressão chula, “Deu merda porque não era para acontecer isso”.

Aí eles apagaram todas as luzes e a gente ouviu, descendo as escadas e jogaram o corpo do garoto em uma perua, lá naquelas C14. Depois as luzes foram acesas e um, eu não sei o nome verdadeiro do sujeito, um tal de major Edgar, apareceu lá, abriu a porta e perguntou assim, “E aí, como é que estão as coisas? ”. Uma pergunta absolutamente imbecil, mas ele costumava fazer. E a gente começou a falar, nós estávamos assustadas, ele disse, “Não, isso nunca existiu. Vocês estão loucas. Nunca existiu”.

Ele queria nos convencer que nós, sete mulheres, sei lá, se eu fizer a conta talvez seja mais, não tínhamos ouvido nada. E eu não sei quem é esse garoto. Eu já tentei, agora me ocorreu, que eu procurei na documentação, quando a Luiza Erundina era prefeita ela conseguiu para a gente os livros tudo de Perus. Mas esse garoto pode estar enterrado em Quarta Parada, Vila Formosa. Eu não sei quem é esse garoto. Não sei. Não tenho a menor, e eu fico assim, alguma família está procurando por ele, mas eu não sei o nome dele, não sei, não sei, não sei, realmente não, e para todo mundo que eu pergunto, todo mundo diz que não sabe quem é. O que é que tem Santos com isso, também não sei. Se era José dos Santos ou se era cidade de Santos ou coisa que o valha, eu não sei realmente.

Depois desse, eu estou colocando essa questão desse garoto, porque eu acho que cabe, de qualquer maneira, vocês talvez tenham mais condição, de investigar quem é essa pessoa. Porque não é, ele era um menino do biótipo desse moço aí, só que o cabelo dele era louro. Louro, louro. Clarinho mesmo. Um sujeito branquinho, mais franzino. E eu não sei, e o garoto, acho que foi torturado durante umas duas ou três horas, de repente, ele apagou. E os caras disseram, “Houve excesso, deu merda”, enfim, mataram o garoto e ele desapareceu, porque ele não foi levado lá junto com os homens. Não. Ele desapareceu. Ela não saiu com as perninhas dele, ele desapareceu.

Depois da Operação Bandeirante, aí nós fomos levadas, eu e minha irmã primeiro, para o DOPS, onde nós ficamos, eu fui para o DOPS, eu acho que dia 10 de maio, uma coisa assim, eu acho que foi isso, e aí nós permanecemos até 9 de julho.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Você sabia o que tinha acontecido com o seu pai, já?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não. Eu só... Aí é que está. Exatamente, porque é o seguinte, eu vi a notícia da morte do meu pai, depois eles nos tiraram, a mim e a minha irmã, enfim, para buscar, procurar a casa do Rei e aquelas coisas todas, e depois a gente trouxe, voltou, quando a gente voltou para o DOI-CODI, a minha irmã não ficou mais com a minha mãe, foi trancada no banheiro lá em cima comigo.

E eu me lembro que tinha uma cama, de repente, montaram uma cama, e a gente entrou no banheiro, estava bem perto da porta assim, aí eles vieram com um copo desse tamanho com leite morno, e eu não gosto de leite morno, e eles me obrigaram a beber E era um leite extremamente doce. Eu tenho essa sensação até hoje, era um copo grande, “Toma tudo”.

E eu me lembro assim da mão do sujeito falando isso, depois eu apaguei, não lembro mais nada. Eu só acordei no outro dia, com uma sensação de estar muito relaxada. Eu levei anos para entender que eu fui dopada, porque não tem outra explicação. Um leite com açúcar não vai lhe fazer isso. E eu acordei no outro dia assim espreguiçando, sem saber onde eu estava, e eu me lembro do tal de major Edgar entrando e perguntando como eu estava, eu e a minha irmã.

E as duas, assim, sabe, a gente caiu do caminhão naquela hora. E aí, depois eles nos tiraram de lá e nos levaram para baixo, para essa sala, que ficava uma sala aqui, a vizinha, uma outra cela, aí nos levaram, aí ficamos ali e nós não sabíamos.

E minha irmã me contou, porque quando ela voltou da história da casa do Rei ela se abraçou na minha mãe e ela não sabe até agora, ela não sabe inglês, mas, por que ela falou, “The father is dead”, porque ela tinha visto a notícia também. Até hoje, eu não sei, ela não sabe, ela nem fala inglês, mas por que é que ela falou isso.

E a minha mãe disse, “Eu sei. Eu vi”. E eu não vi. Eu suponho que a gente tenha sido dopada, que foi a hora que retiraram o corpo do meu pai, porque esse banheiro ficava bem no andar da sala do pau. A minha mãe é que presenciou, porque ela ouviu, a tarde inteira, ele ser torturado, e isso qualquer, a Joana D’Arc, a Pedrina, qualquer uma delas vai lembrar desse fato, porque elas estavam lá.

E ela dizendo, “Esse é o meu marido”. E ela depois presenciou, quando jogaram o corpo dele na C14, com a cabeça envolta em um jornal, porque tinha muito sangue, e ela reconheceu, e ela viu um tira perguntar para o outro, “De quem é o presunto?”, ele disse, “É do Roque”. Mas eu não vi o meu pai morto, não vi. Efetivamente não vi.

Aí, depois nós fomos tomar, eles inventaram um banho de sol no meio dos carros ali, e eu não lembro, eu tenho lembrança só do banho de sol, a Tânia Maria Mendes é que lembra que cantamos o Hino Nacional ou o Hino da Independência, eu não tenho a menor ideia disso. E aí a gente comentou, minha mãe disse, “Não, o pai foi morto assim, assim, assim”, porque ela ouviu tudo, viu, ouviu e viu quando jogaram o corpo dele.

E eu volto a dizer, o DOI-CODI não era só uma questão de você ser torturada. Era, o que você presenciava e o clima. Os gritos ficam na sua cabeça, não tem jeito. Não precisa botar a mão em você. Você fica ali e você tem uma coisa de, que eu ainda digo para a Tânia Maria Mendes, “Ainda bem que você foi presa”, porque houve uma afinidade entre nós três, que é uma outra moça, a tal de Beatrice, que era uma belga, que eu não sei o que é que fazia ali. A mulher, ela queria nos enlouquecer e era louca ao mesmo tempo. Uma pessoa estranha. E ela era anticomunista, ela não sabia por que é que ela estava ali. Eu não sei até hoje.

Mas, enfim, a gente para manter a sanidade mental, porque você precisa, porque se você não tentar manter a sanidade mental, você entra na dos caras. Você vai, você entra na loucura. Então nós cantávamos, mesmo sendo proibido, e é uma coisa estranha, porque para quem não passou, mas no centro de tortura você cantar. A música tinha uma importância muito grande para a gente porque, quando o Merlino estava sendo torturado, na hora que parava a tortura, o Paulinho Vannucchi e o Ivan disseram assim, começaram a cantar a Internacional.

E sempre foi uma coisa quase que instintiva essa coisa de cantar para sinalizar para quem está sendo torturado, “Estamos contigo”. Não na hora que o cara estava gritando, nas na hora que, era quase que um sinal de que você não está sozinho. Porque eu acho que a questão da solidão nessa hora é muito importante. Se sentir sozinho nisso é terrível.

Então a gente fazia jogral com revista de fotonovela velha, cada uma dizendo uma frase que não tinha sentido, para poder manter a sanidade mental, que isso quem passou por lá sabe muito bem, é ou não é, Dona Elza?

A senhora primeiro foi jogada em um buraco, não é? A senhora não tinha, quando você tem uma outra pessoa que você chega na cela e a outra pessoa o consola ou diz “Estou contigo”, ou bota, como a Marlene Sócrates, que a portuguesa descascou uma bergamota e tirou toda pele, porque ela não podia, não conseguia beber por causa do choque na língua, ela botava dentro da garganta para a Marlene poder se hidratar. Então isso tudo é muito importante.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** O Ivan, vocês sabiam dele?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** O Ivan, sabia. Sabia que o Ivan estava do outro lado. E tem uma coisa, assim como tem a história de quem matou Odete Roitman, tinha a história de quem matou o maldito Henning Boilesen. Eu não sei, não conheço, não sei quem foi. Então eles mataram meu pai e disseram que foi meu pai. Aí, eles mataram o Rei e disseram que foi o Rei, aí eles queriam arranjar, porque tinha um número que eles disseram lá e eu não sei quantas pessoas. Mas deveria ser cinco ou seis, porque estava faltando.

Então eles cismaram que tinha sido o Ivan, então começou uma pressão, e eu vou esclarecer, todo mundo que foi preso sozinho, sabe como é que é, a história é uma, quando você é preso com a família, você está danado, porque você não cuida de você, é ou não é, Amelinha? A Amelinha sabe. Porque eu tinha minha mãe, a minha irmã, o Ivan, meu pai já tinham matado, eu não tive tempo de chorar a morte do meu pai, mas aí tinha a história, então traziam o Ivan, o tempo inteiro a pressão era o seguinte, não sei o que não sei o que vão matar a sua mãe e o seu irmão. Porque minha mãe também.

E a coisa pode parecer maluquice, eu do alto dos meus 65, minha mãe tinha 53, mas era de uma outra época. Ela era uma pessoa doente, ela tinha 28 de pressão, certo. Tanto que os vagabundos lá chamavam ela de dona. Irônico. Menos o Carlos Alberto, o Brilhante Ustra que chama minha mãe de velha assassina.

Então a pressão era o seguinte, eu via o Ivan, mas era sempre naquela pressão do seguinte: “Olha, é melhor vocês falarem senão não sei o que com o Ivan. Melhor vocês falarem senão não sei o que com o Ivan”. Então, desde contar piada ou falar coisa que não tinha nada a ver a gente fez para poder desviar o foco. Porque eles cismaram, e eles sabiam que o ponto fraco era o Ivan, porque o Ivan era um menino e eu e a minha irmã, eu tenho certeza que eles sabiam que nós não éramos militantes. Eu sou comunista de carteirinha desde que eu nasci. Eu fui criada, o vovô Stalin estava ali na parede, mas eu nunca militei em organização alguma, nem no movimento estudantil. Não militei porque eu vim para cá militar e me prenderam, também eu não posso fazer nada.

Mas tinha uma questão, eu acho que devia ser atávica, porque a gana em relação ao meu pai, meu pai foi torturado durante dois dias, o atestado de óbito, toda documentação consta que ele morreu no dia 16, mas ele não morreu no dia 16. Ele morreu no dia 17. Agora por que não pergunta, porque eu também não sei a lógica da repressão. Nunca vou saber. Nunca.

E o Ivan parecia muito assim nessas situações, traziam o Ivan para dar uma, como dizem os malandros, para dar uma congesta na gente para ver se a gente falava alguma coisa. Mas eu não sabia. A minha irmã chegou a fazer um raciocínio absolutamente maluco, os caras chegaram, acuaram ela em um canto assim, ela não lembra, acho que uns sete homens, “Agora você vai falar, agora você vai falar”. E ela disse, o que é que, porque a minha irmã tinha um comportamento diferente do meu, eu fiquei louca, então eu gritava, ela disse, “Falar o quê? ”.

“Quem matou o Boilesen? ”. Ela disse, “Vamos raciocinar, vocês disseram que era cinco”, eu sei lá se eles disseram. Então ela fez um raciocínio que do RNT só podia ser dois, porque a organização era pequena, o resto devia ser tudo da ALN. Ela não conhecia ninguém da ALN, então não tinha compromisso. Aí eles disseram, “Ah, bom”.

Para parar de, porque a pressão toda era em cima da coisa do Ivan, porque eles queriam porque queriam que o Ivan tivesse feito sei lá o quê. Ele não matou Jesus e coisa que o valha. Ele é só judeu, mas não matou Jesus.

Bom, eu acho que a OBAN, o DOI-CODI é isso e quem passou por lá sabe que, e eu não sei até hoje, volto a dizer, não era militante, por que é que eu permaneci tanto tempo no DOI-CODI. Vinte e tantos dias.

**O SR. PRESIDENTE –** ADRIANO DIOGO – PT – Quanto tempo?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Vinte e tantos dias. Não chegou a completar um mês, porque eu fui presa dia 16 de abril, dia 10 de maio, eu fui para o DOPS. Quer dizer, eu fiquei 20 e tantos dias. Mas, quem era eu? Eu não era nada no frigir dos ovos. Não tinha importância. Eu não sei, eu acho que eles acharam estranho, pelo fato de ser universitária, filha de quem eu era, a minha família, do lado da minha mãe, tem a mania de lutar contra a ditadura porque tem tia que cumpriu dois anos no Tiradentes, tio que ficou durante todo o Estado Novo ficou preso na Ilha Grande, enfim, Fernando de Noronha.

É que a família decerto tem mania, por isso, porque não tem lógica eu ficar, nem eu nem a minha irmã, um ano e meio, presas, para depois ser absolvida por falta de provas e a minha irmã, o que é pior, por não provado crime. Como é que alguém fica um ano e meio preso, se não conseguiram provar que tinha crime? Isso é que é pior, não é?

Depois nós fomos para o DOPS, onde a gente ficou do dia 10 de maio até 9 de julho, aí, estando no DOPS eu vi, outra pessoa desapareceu, também não sei quem é, uma madrugada, eu vi duas coisas que eu acho que cabe anotar.

Primeiro lugar, a prisão do tal cabo Anselmo, eu vi. Ele passou no corredor, quando ele me viu, ele se fingiu de quebrado, e eu conhecia ele da televisão, dos comícios dos marinheiros. Falei para todo mundo dentro da cela, mas eu acho que ninguém prestou atenção no que eu falei. Isso eu vi. Depois ele desapareceu, porque, é muito estranho, tem umas coisas que a prisão, o DOI-CODI era uma coisa, o DOPS, a gente, a não ser quem fosse preso pelo DOPS, você, quando ficava lá embaixo, lá na geladeira, você tinha maneiras de manobrar algumas coisas.

Por exemplo, quem ficava no corredor, que eram dois presos políticos, que ficavam acendendo o cigarro da gente, a relação com alguns carcereiros, que é estranho, você esteve lá, vocês estiveram lá, sabe que é estranho, sei lá, o Sr. Maurílio, o Adão, tinham caras que a gente estabelecia uma relação melhor. Então cada vez que chegava alguém, que era levado para o fundão a gente dava um jeito de pedir para alguém ir lá no fundão para ver quem era.

E tinha forma de saber. Esse cabo Anselmo foi naquele dia, e depois eu pedi, e sumiu, sumiu. E um outro homem, que era um rapaz negro, um cafuzo talvez, mestiço, alto, magro, eu lembro do cabelo dele, e ele passou muito quebrado e levado para o fundão. Nesse dia, quem estava de guarda no corredor era um cabo da PM, de cabelo grisalho que ele era harpista, tocava harpa. Uma figura completamente diferente de tudo.

Ele chegou para mim na cela e disse assim, “Vocês têm Beserol?”. Porque era o relaxante muscular da época. E a gente deu Beserol. Ele disse, “O que fizeram com esse rapaz não tem sentido, eu não me conformo”, não sei o quê. E levou. Eu disse, “Então pergunta quem é”. Ele voltou e se ele disse o nome do rapaz, eu não lembro. Realmente eu acho que a minha memória ainda está muito boa, mas tem coisas que eu bloqueei. Só que ele era do PRT. Isso eu guardei.

Eu já falei com a Lenira. Não, não, era um homem alto, um rapaz...

**A SRA. AMELINHA TELES –** O Manezinho?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não. O Manezinho era Manezinho. Manezinho era um anãozinho como eu. Não, não era o Manezinho não. É um homem alto, a Lenira acha que, pela descrição física, que é um cobrador do Sindicato dos Motoristas, enfim, de ônibus. Ela acha, ela sabe, ela acha que é esse até, porque eu não sei quem era.

Se ele disse o nome, eu realmente, ele deve ter dito, mas eu, ele desapareceu. Ele apareceu nessa noite, quando foi no outro dia, que esse soldado veio pedir o Beserol, no outro dia, o Waldemar Andreu foi até o fundão para ver quem era, já não tinha mais ninguém lá, ele desapareceu. Então suponho, eu suponho que seja esse moço, seja esse cobrador de ônibus, mas ele desapareceu também.

Aí a gente permaneceu no DOPS até o dia 9 de julho, fomos levados para o Tiradentes, aí no Tiradentes nós ficamos uma semana, quando chegou em uma, vocês podem achar que eu tenho mania de perseguição, paranoia, mas, é o seguinte: no DOPS foi quebrada nossa incomunicabilidade de maneira mais surreal, uma prima do meu pai conseguiu quebrar, enfim, a nossa incomunicabilidade.

E quando ela iria nos visitar no outro dia, eles nos retiraram e nos levaram para o Tiradentes. Chegando no Tiradentes, nós chegamos em uma terça ou quarta-feira, sei lá, então tinha quinta e sexta-feira, nós receberíamos visita no sábado. A Edite foi até o Tiradentes e a Maria Antônia, que era chefe da carceragem permitiu que ela se avistasse com a minha mãe meia hora, porque não tinha autorização, nós estávamos incomunicáveis ainda. Então ela disse, “Eu vou à Auditoria Militar para pedir autorização”.

Aí na sexta-feira, à noite, nos tiraram da, eu acho que era sexta-feira. É. Nos tiraram do Tiradentes e nos levaram para o DOI-CODI, não dizendo o que ia acontecer com a gente. Foi à noite que a gente chegou lá e o Luiz Eduardo Merlino estava sendo, tinha sido preso e estava sendo torturado. Ele foi torturado a noite inteira e no outro dia de manhã, ele não estava, a pernas dele, ele não conseguia mais andar.

De lá nós fomos levados para o Sul, e cabe salientar de novo, é tudo diferente. Nós éramos sete presos e não tínhamos ligação entre nós, à exceção eu, minha mãe, minha irmã e o Ivan, o resto, eu não conhecia o Job que era do MRM, não conhecia o Diniz, que era da Ala Vermelha, o Jorge Abraão, que parece que era do MRT, mas eu não conhecia e tinha um menino que eu não sei de que, Raul qualquer coisa, que é do Rio Grande do Sul, eu nunca sei se é o Ponte ou o outro. É um dos dois Raul, que também estava junto.

**A SRA. AMELINHA TELES -** (ininteligível: 00:37:20).

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não tenho noção. Eu não conhecia a AP. A minha irmã, quase deram uma pancada na cabeça dela, perguntaram se ela tinha AP. Ela falou, “Eu morava em apartamento”. Porque a gente não sabia nome de organização nenhuma. Ela dizia, “eu não tenho, eu alugo”, certo. Não é brincadeira, é verdade isso.

E a gente conhecia no máximo a ALN e VPR, que a gente sabia que existia. Aí nós fomos levados, e para se levar esses sete presos era, foi toda cúpula do DOI-CODI, inclusive o Sr. Carlos Alberto Brilhante Ustra, todos, fardado ainda. Ele foi fardado. Todo becado.

E toda cúpula do DOPS menos o Fleury. O único que não foi o Fleury. Mas todos, Carlinhos Metralha, o Finos, todo mundo. E nós éramos só sete presos, sendo que eu, a Iara e a minha mãe nós éramos assim, nós éramos muito frias, a gente não tinha nada. Eles já tinham matado meu pai, tomado tudo que era nosso, porque nós estávamos com a roupa do corpo, foi assim que nós saímos da cadeia, nós saímos sem casa, sem nada, sem dinheiro, sem coisa nenhuma, com a roupa do corpo. Foi isso.

Ganhamos algumas peças na prisão, que as pessoas deram, não é? Mas a gente não tinha nada. Não tinha mais nada. Não tinha militância. E nós fomos levados para o Sul.

Suponho, isso depois de muitas conjecturas, que tenha sido uma reunião, que eles foram, que desceu a cúpula da repressão para discutir a questão da Operação Condor, que foi bem na mesma época que ela foi criada, o delegado do DOPS de Porto Alegre estava por fora do que estava rolando, porque ele perguntava para a gente, “O que é que vocês vieram fazer aqui?”, “Bom, eu não vim aqui. Me trouxeram”.

Ficamos 60 dias em uma cela improvisada, porque era um corredor, então eles botaram umas madeiras assim e fecharam e botaram porta. Eram três celas, a nossa; e o espaço era exíguo demais e era, tinha um beliche aqui, você não podia dormir na parte de cima porque a lâmpada de 200 ficava na sua cara a noite inteira, porque aquilo era um corredor do departamento de uma coisa pública.

Então eu e minha irmã dormíamos aqui e tinha uma caminha de armar da minha mãe. Eu, por conta disso, porque era uma cama, um colchão de crina, duro assim, eu de ficar sentada em posição de lótus, vamos chamar assim, com as pernas cruzadas em cima daquela coisa, eu tive prolapso do reto. Meu reto saiu para fora, pelo fato dessa posição e da coisa ser dura. Para, o banheiro, não tinha, naturalmente. Para a gente ir ao banheiro, a gente precisava de escolta, a gente saia e era o banheiro público que a gente ia.

E ali tinha que ter um guarda na porta para a gente usar o banheiro. Era assim que era. Era tudo muito estranho. E nós ficamos 60 dias lá, foi quando caiu o pessoal do POC, foi quando a gente viu de novo toda a coisa da tortura. Por quê? Nós já estávamos no Tiradentes, a gente já estava assim mais livre dos gritos, e aí prenderam todo o POC. Todo. Eles trouxeram as pessoas de ônibus. Não é brincadeira.

E o estranho da história é o seguinte, a minha irmã, a minha mãe, Luiz Eron, irmão do Carlos Franklin da Paixão, que foi marido da Dilma, ele estava preso na cela vizinha, aí ele foi ao banheiro, depois ele voltou e a gente conseguia se comunicar porque, era tudo muito louco, tinha um beliche, então ele subia no beliche por cima da tábua, ele falava com a gente. Ele disse assim: “O Hélio Minuto, que é um sujeito do Partido Comunista Brasileiro, que é conhecido, ele está aí na carceragem”. Minha mãe disse, “Não é possível”. E ele tem uma característica, porque ele é deficiente físico, ele usa uma bota, usava, deve ter morrido já, usava uma bota de sei lá quantos centímetros. A minha mãe foi, e quando a minha mãe voltou ela disse assim: “Se o Hélio Minuto está aí é porque vai cair gente”.

E eu não estou fazendo juízo de valor, estou só contando um fato. Foi dito e feito, poucos minutos depois passou aquele, foi um ônibus, eles prenderam gente de ônibus, de ônibus. Foi muita gente presa pelo POC.

Aí nós ficamos acho que cerca de 60 dias lá, no final da história, nos fizeram fazer um depoimento de próprio punho para poder constar do que se tratava. Nós fizemos o depoimento de próprio punho, não tinha nada para contar, eu não tinha nada a ver. Depois nós voltamos para São Paulo, aí ficamos no Tiradentes. É, aí teve greve de fome, sempre tem as peripécias, houve uma greve de fome da qual eu me arrependo de ter feito, porque os homens tiveram uma atitude muito machista.

A Márcia Mafra que me lembrou isso, porque eu fiz, não era meu irmão, mas eram os companheiros, eles decidiram terminar a greve sem nos avisar e nós isolados, porque tinha uma parte na penitenciária e outra parte no Hospital Militar, eu estava no Hospital Militar, ali no Cambuci, porque eles acharam que eu estava muito fraca, enfim.

Aí houve essa greve de fome, aí nós fomos todos para a penitenciária, ficamos na penitenciária, que aí é um outro tipo de experiência muito louca, porque a penitenciária feminina era assim, ela era administrada pelas freiras, e é uma coisa maluca aquilo. Para o lado, não sei se hoje ainda é, para o lado que você olhasse, tinha uma pessoa te olhando. Sempre tinha uma carcereira. Era a coisa mais maluca. Não sei quantas mulheres que eram. A gente olhava assim, “Vamos para não sei onde”, estava a mulher ali. Mas nos respeitaram, nos respeitaram as freiras nos respeitaram, permitiram que a gente ficasse juntas, porque presa comum não ficava junta por causa das brigas, do homossexualismo, sei lá do quê.

Enfim, aí depois, eu, a gente voltou para o Tiradentes, quando nós saímos nós só tínhamos a roupa do corpo, como eu já disse, e não é força de expressão, é literal, só tínhamos a roupa do corpo. Aliás, para ser verdadeira, porque a gente pediu, na OBAN para que trouxessem roupa para a gente, e eles trouxeram casaco de pelo de chinchila da década de 40, mas não trouxeram nem um vestido, nem uma calcinha. Esse casaco de pele era de uma prima rica da minha mãe, naturalmente, porque meu pai era operário, a gente não tinha dinheiro para comprar casaco de pele da Casa Canadá. Então a gente estava com a roupa do corpo.

Aí nós saímos, a minha tia, irmã da minha mãe, e a minha...

E uma coisa que eu faço questão de contar, um dos problemas no DOI-CODI foi que eles souberam por alguém que existia um outro filho, além de eu, Iara e Ivan, que existia uma outra pessoa. E a minha mãe não queria, porque minha mãe tinha medo que fizessem alguma coisa, quando ele tinha só 10 anos, e aí minha mãe fez um acordo com eles, porque ela se sentiu tão pressionada. Porque esse meu irmão ele estava na casa da minha tia Anita Axelrud Gouveia, que tinha estado presa, cumpriu dois anos durante o Estado Novo, era membro do Partido Comunista.

Então ela dizia assim, “Se descobrirem quem é a Anita”, o meu tio Gouveia já tinha morrido, que também esse ficou, todo Estado Novo, depois ele ficou preso em Fernando de Noronha, Ilha Grande, aquelas coisas. Então ela tinha, aí eles começaram a pressionar. E é muito difícil para você, porque a gente é criado, infelizmente, ou felizmente, sei lá, para dizer a verdade, não é assim? A mãe diz, não pode dizer mentira. E na hora que você tem que mentir a sua cabeça dá um nó.

Então, como é que você vai mentir eu você não tem um irmão, que era uma criança? Foi muito difícil. Até que minha mãe fez um acordo, “Se vocês me prometerem, eu vou confiar, eu sei que vocês não são de confiança, mas eu vou ter que confiar em vocês”. Porque a pressão era muita. E a minha mãe tinha um problema, que a pressão dela subia, ela teve um infarto na prisão. A minha mãe enfartou na prisão, que é um outro episódio.

E aí, eu sei que ela acabou dizendo onde estava o Irineu. E aí, quando eles voltaram disseram, “A senhora fica tranquila porque ele está lá”, eles sabiam os horários, ele foi vigiado o tempo que nós tivemos preso, e o meu irmãozinho de 10 anos foi vigiado. Porque quando nós saímos da prisão, naturalmente que nós fomos vigiados também diuturnamente, já nem ligávamos mais de encontrar aqueles caras parados na porta do prédio, ou quando minha mãe ia visitar o túmulo do meu pai em Perus, que é uma subida assim, não tinha ônibus na época, era minha mãe e minha irmã andando e os caras na C14.

Um calor, minha mãe dizia, “Acho que vou pedir uma carona para esses caras, porque já que eles vão até lá em cima com a gente mesmo”, porque aquilo a gente foi seguida o tempo todo. Eu tenho um problema, até hoje eu não sento de costas para a porta, porque a sensação de estar sendo vigiada ela permaneceu.

Depois que a gente saiu da prisão, a gente conseguiu, a minha tia e a minha prima, a gente conseguiram a pensão de viúva, porque meu pai trabalhava. Ele era operário e ele quando foi preso, ele tinha parado de trabalhar fazia pouco tempo. Aí nós tivemos que reconstruir a vida. E eu costumo dizer o seguinte, eu não fiquei presa um ano e meio, eu fiquei cinco anos e meio, porque como eu fiquei lá dentro do Tiradentes, enfim, mas depois que eu saí eu permaneci presa, porque o Ivan estava preso.

E o Ivan, como era menor de idade, porque ninguém faz nada na minha família pela metade, faz tudo com muito apuro, esse cara foi levado para todos os lugares que vocês imaginam, inclusive para o DEIC. A minha irmã foi visitá-lo na Casa de Custódia de Taubaté e ele tinha sido levado para o DEIC. E aí, minha irmã resolveu tentar visita-lo no DEIC. O que aconteceu que tentaram levar ela lá para cima em uma sala e interrogaram ela tudo de novo, e ela em um domingo à tarde ela só pensou assim, “Eu não vou sair com vida dessa”.

Porque em um domingo à tarde, em uma repartição pública, você pode desaparecer mais fácil que qualquer outra coisa. A sorte é que ela conseguiu convencer os caras de que, que eles eram apenas policiais e que eles eram cães de guarda do dinheiro dos outros. Ela botou os caras em conflito. Ela tem essa, ela não é uma pessoa destrambelhada que nem eu. Ela ficou calma na prisão, porque eu era calma e fiquei louca.

Mas ela conseguiu. Não, mas é uma verdade, eu era uma pessoa assim, muito pacifista, mas depois disso, eu sei que eu sou uma pessoa destrambelhada e agressiva. Eu sei que sou e não tem problema nenhum. Mas ela ficou.

E o Ivan então era levado, nós estávamos em casa, vendo televisão e daqui a pouco tinha a notícia, lista de desaparecidos, fulano, beltrano, Ivan Akselrud Seixas. E sem telefone tudo, porque a desgraça nessa situação é não ter telefone nem dinheiro. É complicada a coisa.

Aí íamos conseguir, íamos chegar até a casa do general Altino Rodrigues Dantas, que foi a única pessoa que nos deu guarida, quando a gente saiu da prisão, era um general pai de um militante, de um preso também, do Altino Rodrigues Dantas, sogro da Lenira na época, Lenira Machado Dantas. Aí íamos até lá para conseguir o telefone para ligar para Taubaté para perguntar, aí caras diziam, “Não, ele está aqui”.

Porque desapareciam com o Ivan toda hora, então nós ficamos presos cinco anos e meio também. Não foi só o Ivan não. Nós não fizemos mais nada da vida a não ser correr atrás do Ivan.

Bom, aí, depois da saída da cadeia a gente conseguiu renascer das cinzas porque, primeiro lugar, nós somos mulheres, não somos mulherzinhas, somos brasileiras e tem uma pitada da coisa estoica do judaísmo nessa história, do não se deixar abater. Judaísmo, não tem nada a ver com o Estado de Israel, eu faço questão de registrar, dizer isso.

Enfim, então a gente conseguiu sobreviver. Aquela moça me perguntou a respeito do luto. O luto permanece. O luto permanece. Mas uma coisa que tudo isso não conseguiu me tirar foi a alegria, embora eu esteja chorando, é uma contradição, a alegria, a minha dignidade jamais, e nunca me humilharam, porque aqueles caras não eram pessoas, eram seres, então, como é que, você pode me humilhar, porque você é uma pessoa, agora, deles eu tenho ódio, não tenho mágoa, porque mágoa eu tenho dos amigos que me sacanearam. Dos inimigos eu tenho só ódio. E não ocupa meu pensamento.

Não, mas é, eu acho que foi o Ho Chi Minh que falou que todo revolucionário tem que ser um otimista. E quando nós estávamos no Instituto Médico Legal, fazendo um trabalho, eu, Amelinha e Iara, aí chegou o ano novo nós resolvemos abrir um vinho, aí a Amelinha disse, “Não, mas todos esses que estão aqui dentro com nós, eles devem estar dando risada”, e é verdade, porque eu nunca me senti vítima.

Não, porque para me sentir vítima eu tinha que levar em consideração que aqueles caras eram alguma coisa. Não era. Eu fui vítima, talvez eu tenha sido vítima, criaram uma ditadura só para mim, porque eu sou paranoica em relação a isso. Eu acho que o golpe de tudo foi isso.

Mas, enfim, eu sobrevivi, não sou vítima, não me senti humilhada, nem quando o cara estava com a mão, passando a mão dentro de mim eu não me senti, é claro que foi um horror, mas era coisa que a gente, como diz o outro, é coisa que a gente tem que passar na vida, talvez, não sei.

Eu acho que é isso. Eu acho que não tem mais nada para dizer não. (Palmas.)

Não precisa bater palma, pelo amor de Deus.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Elza Lobo.

**A SRA. ELZA LOBO –** Bom, gente, eu fui presa em 10 de novembro de 1969, pela equipe do capitão Maurício. Eu trabalhava na Secretaria do Estado na Fazenda, no setor de treinamento de pessoal. Meu pai estava internado no Beneficência Portuguesa, que tinha sofrido um derrame e minha mãe estava acompanhando-o no hospital.

E eu, voltando do trabalho, tinha passado na casa de um amigo que a gente fazia algumas atividades profissionais também juntos, e quando cheguei à minha casa, por volta de umas 22h, quando fui abrir a porta, a porta estava encostada e estava sentado, na escada o capitão Maurício, da OBAN.

E meus dois irmãos estavam já também sentados, esperando que eu chegasse e eu, como tinha, estava cuidando da casa, porque minha mãe estava no hospital com meu pai, eu estava entrando com um litro de leite e, de repente, quando vou abrir a porta a porta estava aberta e o capitão Maurício sentado na escada de casa.

Foi aquele choque, imediatamente ele põe as algemas e põe dentro do carro para levar para a OBAN.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Ele não deu nem boa noite?

**A SRA. ELZA LOBO –** Não, não. Nem quem é. Ele estava lá já de plantão.

Chegando lá na OBAN. Eles levaram para aquele quarto que ficava, não tinha nada, era vazio, dali, queriam que, puseram um capuz e o que eu me lembro, que outras pessoas não lembram, é que eles me levaram para o térreo, no térreo, eu lembro de ter atravessado um espaço de ar, que você percebia que você estava em área externa, e entro em um tipo de um túnel, que escorria água pela parede.

Então, até hoje parece que a única pessoa que passou por esse local fui eu, porque ninguém lembra de ter passado por esse local da água que corria pela parede, era escuro, me deixaram lá algum tempo e depois de um tempo começaram, “Não vai falar? Tem que dizer onde é que estava, o que é que fazia, qual era a organização que participa”, enfim, toda aquela pressão.

Saio desse local e vai para sala, direto, de tortura. Então teve tortura da cadeira do dragão, teve os choquinhos em todos os dedos da mão, teve na vagina, teve no seio, enfim, tudo o que vocês possam estar imaginando foi executado.

E eu, depois de todas essas situações, fico jogada, naquela época era um cômodo em que você ficava no chão porque não tinha nada, não tinha colchonete, não tinha nada. Era no chão, com a porta trancada e se você queria ou tinha necessidade de toalete, você tinha que bater na porta e o que cuidava, se ele queria abria, se ele não queria não abria, você que se virasse. Então, era uma forma agressiva.

No dia seguinte, eles prenderam, eles ficaram de campana na minha casa e prenderam o Diógenes de Arruda Câmara, que era um dirigente do PCdoB. Na medida em que o Diógenes foi preso, ele ficou associado a mim no processo como se eu fosse do PCdoB, coisa que não era.

Então era...

**A SRA. AMELINHA TELES–** Você passou a ser muito quente.

**A SRA. ELZA LOBO –** É lógico. Eu passei a ser a figura perigosa que está junto com o dirigente de uma organização, que eles estavam querendo detonar, querendo ter dados. Então foi uma situação bastante violenta.

Eu não sei se, que como você foi depois, se ainda existia, tinha um tipo de interrogatório de um sujeito que tentava se passar como se fosse um religioso.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Ah, sempre tem.

**A SRA. ELZA LOBO –** E ele vinha então tentar, como se ele fosse o bonzinho, tentar conversar com você, que você tinha que dizer a verdade.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Conselheiro.

**A SRA. ELZA LOBO –** É. Um tipo conselheiro. E ele vinha, inclusive trazia livrinho religioso, achando que você ia entrar na história dele.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Às vezes, ele fazia papel de enfermeiro também.

**A SRA. ELZA LOBO –** É. Às vezes ele também fazia. E eu não lembro mais o nome dele, só lembro da figura.

E você para poder fazer as suas necessidades você tinha que bater na porta, e se eles quisessem abrir ou se não quisessem você que se virasse onde você estava, fizesse aí as suas necessidades.

Eu não tenho claro até onde eles tinham informações mais detalhadas de militância, mas como eu tinha sido ligada à Ação Popular Marxista-Leninista, eles trouxeram um sujeito que se apresentava como da Marinha, e tinha, naquele período tinha tido toda aquela história de cabo Anselmo, junto com a AP no Rio, então tinha uma história assim, que você deduzia que por essa razão eles tivessem trazendo alguém ligado a essa área para saber se você estava vinculado, se não estava, para tentar tirar informações.

Não conseguiram nada, porque eu não tinha nada, eu não sabia nem quem era o cidadão que estava lá se apresentando. Agora, da saleta onde ficávamos, tinha jornais, você ficava em cima dos jornais e o que deu para ouvir foi que, dois dias depois, eles prenderam a Therezinha Zerbini. E a Therezinha Zerbini, eu conheci ela de imediato, porque tinha estado com ela várias vezes, a voz.

Mas ela conseguiu naquele primeiro momento driblá-los, que era mulher do general, e ela conseguiu não ficar. Ela foi interrogada horas a fio, mas foi liberada. Meses depois é que ela voltou outra vez, porque aí já foi por causa de Ibiúna, lá vem ela de novo para...

Então eu acho assim, como marcas daquela situação.

Agora, as torturas foram intermináveis, e todas, desde tortura na vagina, tortura nos dedos, botava o choque nos dedos da mão e punha a máquina para rodar, punha na orelha, punha todos para que você falasse o que você não tinha para falar, porque não tinha nenhuma contribuição do que eles estavam procurando, mas era aquela situação.

E veio inclusive um cidadão que era da Marinha. Eu não consegui nunca entender por que é que aquele cidadão apareceu, o que é que tinha a ver a Marinha com a Ação Popular. A Marinha tentando trazer outro tipo de informação, mas aconteceu essa postura naquele momento.

E tinha um cidadão, que era uma figura assim bem asquerosa, não sei se ainda estava na época de vocês, que era esse que se passava por religioso.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Eu acho que ele fez o papel de enfermeiro.

**A SRA. ELZA LOBO –** É. Então ele trazia a bíblia, outra hora ele trazia um santinho, outra hora ele trazia alguma outra coisa para que você...

**A SRA. AMELINHA TELES –** Para consolar.

**A SRA. ELZA LOBO –** É. Ou consolar ou você achava que ele era um bom cidadão e você ia abrir sua alma para ele, alguma coisa assim. Então, acho que assim, essa situação era uma situação conflitiva.

Então, por exemplo, para você ir ao toalete você tinha que bater na porta para ele se quisesse vinha abrir ou não para você ir ao toalete. Para tomar banho você, tomei acho que duas vezes, mas eu fiquei lá 15 dias, então, imagina você ter tão pouco tempo.

Agora, nesse caminhar você ouvia as vozes de quem estava sendo torturado em outras salas e você tinha também a forma de que, por exemplo, em um dos depoimentos lá, o que eu vi é que eu reconheci o nome de uma pessoa que tinha sido de época de militância de universidade e que trabalhava ligado também a um dos órgãos de repressão.

Aí fiquei, já que ouvi o nome eu tratei de detonar a pessoa, lógico. Então falei, não, e eles não perceberam que o nome estava atrás porque ele estava com a fichinha e eu vi o nome. Tem o fulano, imagina, que ele trabalhou conosco no mutirão de alfabetização lá em Osasco, era uma pessoa que estava sempre ligado ao grupo, nós estávamos alfabetizando a população que não tinha conhecimento. Então foi todo um lado de você estar trazendo essa figura.

Agora, as torturas eram constantes. Então, era a cadeira do dragão, era o choque nos dedos, no ovário, nas orelhas, enfim.

E naquele momento também, além de eles terem prendido o Diógenes de Arruda Câmara, e queriam vincular como militância e não como alguém que nem trabalhava na mesma área profissional que eu e que não estava militando no PCdoB, nada disso. Mas a forma era de te pressionar em relação a isso. E torturaram barbaramente o Diógenes.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Dito pelos próprios torturadores.

**A SRA. ELZA LOBO –** Dito pelos próprios torturadores, que nunca tinham atuado de uma maneira tão violenta contra alguém.

E vinculou então a minha prisão ao Diógenes. E naquele momento eles prenderam também um dominicano, da igreja dos dominicanos e esse dominicano também foi, então tentavam jogar no mesmo processo. Eu só dizia assim, “E conheço os dominicanos porque, inclusive com Morte e Vida Severina, nós fizemos ensaios dentro do convento dos dominicanos, porque a PUC, o teatro ainda não estava pronto”.

Então não tinha nada a ver uma coisa com a outra, mas assim, a forma de jogar era com tudo. Então, se está jogando em relação à militância, à vinculação dos religiosos para junto do mesmo processo, o militante que era de uma atividade profissional, mas joga também no mesmo pacote. E foi essa postura o tempo todo.

Eu fiquei bem uns 15 dias na OBAN. Quando chegou a menina lá de Santa Catarina, a Derlei Catarina de Luca, que também tinha sido da mesma organização de Ação Popular, mas eu não conhecia a Derlei.

Vim conhecer a Derlei dentro da cela. E ela também foi barbaramente torturada, a ponto de ficar gritando para que ela pudesse ter pelo menos o mínimo de socorro. Aí tinha um médico que estava também detido e ele pressionou de que ela precisava de tratamento, eles levaram então para o Hospital Militar e ela ficou lá vários dias.

Bom, como eles não conseguiam nesse contexto todo ter nada mais efetivo, mais claro, mais nada, depois dos, acho que foram 8 ou 10 dias, então eles transferiram para o DOPS, e aí no DOPS não teve tortura, teve só interrogatório, mas eles sempre jogavam dentro da cela pessoas que você não sabia quem eram, que tipo de pressão eles estavam para ver se conversava, se não conversava.

E foi o momento em que tinha inclusive muita gente ligada à imprensa. Estava a Rose Nogueira, estava a Edith Negraes.

Então você tinha uma outra possibilidade de tentar entender onde você estava, mas ao mesmo tempo, sem nenhum outro tipo de contato maior e nem de depoimento, nada. Depoimento começou muito tempo depois, e aí o depoimento foi todo em cima de duas pessoas que, segundo depois ficamos sabendo, eram especialistas em atividades partidárias, e que então essas pessoas vinham para tentar fazer um tipo de interrogatório para ver se você caia em contradição, de que você era ou não ligada àquele grupo ou a outro. Então, no fundo era toda uma forma muito pesada de você se comunicar.

Por outro lado eles também tentavam, naquele fundão lá do DOPS, de colocar pessoas que você sabia que não eram de militância política, mas que não sabia por que é que tinham jogado ali, se era para a pessoa ouvir se você conversava com alguém das outras celas, se era para ver qual era o pensamento, não é, que estava circulando e era uma forma assim, você percebia, inclusive, uma das vezes, sem nenhum constrangimento de presença, nada, mas chegavam a pegar as prostitutas da rua e jogar dentro da cela com a gente. Eu acho que aconteceu isso também no seu período.

Não, no nosso sim.

Então você ficava em uma dúvida de quem são essas pessoas, o que é que elas estão fazendo aqui, o que é que elas estão ouvindo. Então você não falava com ninguém dos que estavam nas celas ao lado para não chamar a atenção para nada. Ficava só em uma escuta.

A gente teve momentos também, aquele momento no DOPS estava lotado, então era a quantidade de gente que estava nas várias celas, e naquele momento também, foi a forma assim, estava aquele deputado do Rio, que tinha tido envolvimento com uma “socialite”, então era uma coisa de chamar a atenção, eles queriam.

Mas ele quando saiu ele saiu tão tocado que ele botou a boca no trombone, denunciou tudo o que ele tinha assistido dentro do DOPS.

Eu estou tentando agora lembrar o nome dele e não estou conseguindo.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Não era o Brandão Monteiro, era?

**A SRA. ELZA LOBO –** Não. É um do Rio de Janeiro. Mas depois eu lembro o nome, tenho anotado em casa, depois eu lhe passo.

Mas o que eu acho é assim, foi esse período todo muito de você sentir que, a todo o momento, você tinha pressões. Ou era alguém que estava colocado ali para saber o que as pessoas estavam conversando, no outro momento, era de ver o que é que eles poderiam jogar mais para cima das pessoas.

Mas o que existiu desse período todo é que se conseguiu criar um clima de muita confiança entre os diferentes militantes que estavam dentro do DOPS. Então, mesmo com as celas ultra lotadas você conseguia ter uma forma de acompanhar mais de perto, e eu consegui, junto com um outro militante também, de que a gente começasse a fazer os pratos para levar nas celas, que era uma forma também da gente ver o que é que estava acontecendo em cada lugar e, ao mesmo tempo poder ter uma forma mais, como é que eu poderia dizer, mais digna, ao invés de passar aquele latão e fazer o prato, a gente preparar o prato e entregar para cada um dos companheiros.

E isso o carcereiro da época conseguiu pelo menos entender e abriu espaço para que se fizesse isso. Acho que naquele momento também, uma outra coisa que foi muito forte, foi que já tinha o padre Augusto que estava detido, mas, imediatamente chegaram vários dos dominicanos, o frei Betto, o frei Jorge, e a gente conseguiu fazer uma celebração de que se tivesse uma maneira de na hora da celebração a gente passar mensagens, através dos religiosos que estavam fazendo a celebração.

Então esse foi um caminho importante para que as pessoas ficassem mais a par do que estava acontecendo e houvesse uma grande solidariedade nesse relacionamento.

Terrível foi também o interrogatório, porque estava à frente do DOPS lá, era o que morreu lá em Santos, o Fleury. Ele fazia sempre aquela apologia na hora dos interrogatórios, mas você não tinha nenhuma coisa muito clara do que é que ele queria saber ou se era só para fazer teatro, o que acontecia.

E teve uma pessoa que eles chamaram de fora, agora eu não lembro o nome, era um que era especialista em Partido Comunista, e ele veio fazer interrogatório comigo e fez o interrogatório também com o Diógenes de Arruda Câmara para recuperar a militância histórica de tudo. Então era uma loucura porque você passava horas lá com o cidadão falando da caminhada histórica do partido e você ficava na sua.

Como naquele período também tinha dois dominicanos que também tinham estado presos, eles queriam saber se conhecia ou não conhecia os dominicanos. Como eu era da PUC, a PUC os ensaios do “Morte e Vida Severina” foram em um convento dos dominicanos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Só um minutinho, está dando interferência, entrando uma rádio no som do microfone. Só um minuto, ele já tira.

Continua, Elza, por favor.

**A SRA. ELZA LOBO –** Então tinha essas situações assim, que você achava até ilógicas. Quer dizer, você está dentro de um contexto, você está vendo o que está acontecendo com as pessoas, a forma como as pessoas voltavam da tortura arrebentadas e de repente você tem um outro quadro que parece que tudo....

**A SRA. AMELINHA TELES –** Vinha um grupo de policiais para saber, falar o que ela achava da situação do país.

**A SRA. ELZA LOBO –** É. Que era uma coisa descolada do momento onde você estava.

Então o que se conseguiu foi criar, naquele contexto todo, um relacionamento com as pessoas muito bom, muito próximo e que as pessoas de solidarizavam muito de um ajudar o outro na medida do contexto todo.

Agora, por outro lado, você não tinha um quadro completo de tudo o que estava acontecendo e você ficava com, por exemplo, quando vinham pessoas que também estavam ligadas à prostituição e que eles jogavam no mesmo lugar...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Teve um tempo que não tinha mais lugar na cela, eram 30 mulheres ali, não cabia.

**A SRA. ELZA LOBO –** É. Não cabia ali, mas eles colocavam e você ficava em uma situação de não saber se você conversava ou se não conversava.

Bom, aí teve também mãe que venho com recém-nascido. E aí, o que é que você fazia com o recém-nascido que estava ali com a mãe? A mãe com o peito duro porque não tinha conseguido tirar o leite. Ali já vai a dona Elza a ajudar, a fazer massagem, a botar água quente, mas era uma forma de você ser solidário com que estava nessa circunstância.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Elza, deixa eu perguntar uma coisa, para montar essa cronologia, que é tanta coisa que eu fico até passado, você foi muito para Cuba montar grupos de solidariedade, saúde. Isso é tudo depois da sua prisão?

**A SRA. ELZA LOBO –** É depois. Nada disso foi antes. Tinha antes só a amizade, mas o relacionamento todo esse foi depois da prisão.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Você já tinha cumprido toda pena mesmo, o que é que você ia fazer.

**A SRA. ELZA LOBO –** Não, não. Não, e foi interessante, porque a gente fez muitos, a gente teve também muito esse outro lado de tentar, dentro do próprio espaço do DOPS, da gente tentar trocar ideias sobre alguns temas, aprofundar mais.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –**  Isso é 1969, não é, que você está falando?

**A SRA. ELZA LOBO –** É 1969.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Deixa eu só perguntar uma coisa, que a Amelinha já vai começar a fazer perguntas.

Amelinha, os relatórios do Araguaia, que vocês leram aqui, era tudo do Arruda também?

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não, não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Não era do Diógenes?

**A SRA. AMELINHA TELES – Quem** fez relatório do Araguaia é Ângelo Arroyo, que foi assassinado na chacina da Lapa em 1976. Foi ele que fez o relatório.

**A SRA. ELZA LOBO –** É, foi da Lapa.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Ele que fez o relatório.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Então, aproveita que você já está com a palavra.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Eu queria fazer uma pergunta para Ieda... Eu cortei sua palavra? Não porque ele passou para mim, eu não queria...

**A SRA. ELZA LOBO –** Não, não. Pode...

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Amélia Teles com a palavra.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Eu queria fazer uma pergunta para a Ieda que é a seguinte, ela fala de um adolescente que é torturado até a morte dentro da Operação Bandeirante, que era um adolescente loiro...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** É. Ele não era adolescente, ele era um menino muito franzino, parecia ser adolescente, mas ele provavelmente não era um adolescente. A impressão...

**A SRA. AMELINHA TELES –** Mas ele não poderia ter 15 anos de idade?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Poderia ter 15, 16, 13. Porque ele era muito franzino, não é?

**A SRA. AMELINHA TELES –** Mas 15 anos de idade hoje é adolescente. Pode ser que naquele tempo não, mas agora.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Ah, mas eu estou falando daquele tempo.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não, naquele tempo não, mas hoje é adolescente. É o seguinte, pela data, é abril. Você é presa no dia 16 de abril de 1971.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Isso.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Em São Paulo, Operação Bandeirante. E quem desaparece nesse período, nós temos dois desaparecidos desse período. Um é Abílio Clemente Filho...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Mas esse menino é mestiço.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Que é negro.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** É. É um negro.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Que é um negro e já teve Audiência aqui sobre o caso dele. Não temos informações, mas tem muita informação da militância dele, do desaparecimento dele, pelo deputado Antonio Mentor, que é daqui da Casa.

Agora, eu estou pensando assim, em levantar por hipótese, não seria o Marco Antônio Dias Baptista?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não tenho a menor ideia, não conheço.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Porque o Marco Antônio Dias Baptista, ele tem 15 anos quando ele desaparece.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Mas tem, alguém tem fotografia desse rapaz?

**A SRA. AMELINHA TELES –** Tem. Tem no livro, no dossiê. Eu vou buscar o dossiê lá para você.

Você busca, Renan? Vamos buscar o dossiê porque você vai ver, tem a foto dele.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Esse menino, eu procurei depois no cemitério e não achei o enterro dele.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não. Ele é desaparecido. A família procura desde 1971, justamente essa época que você está levantando, até hoje.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Acho que por volta dos vinte e poucos...

**A SRA. AMELINHA TELES –** E os irmãos, hoje, a família vai diminuindo. A mãe morreu em um acidente de carro, lá em, de Brasília para Goiânia, em uma atividade de busca. Foi em uma atividade de busca de informação sobre o filho, ela volta para casa, que ela morava em Goiânia, e morreu.

Mas tem dois irmãos, o Wladimir e o Renato Dias, um até escreveu um livro sobre a Maria Augusta Thomaz e o Márcio Beck, sobre a morte deles, o desaparecimento deles, foi até mencionado esse livro aqui outro dia, em uma audiência, da Maria Augusta Thomaz.

Ele era loiro, a família é loira, a família é branca, loira, de olho azul, então, quando você falou desse caso eu fiquei pensando se não seria esse caso.

O Renan foi buscar o livro, vamos mostrar a foto dele, vamos ver se você...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Ele era uma pessoa muito franzina.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Ele tinha 15 anos. Pela história dele, tinha 15 anos. E ele era um militante do Movimento Secundarista, em plena repressão, o que pode ter caído nas garras da repressão, porque era um momento de ditadura, ser secundarista, do Movimento Estudantil, é complicado mesmo.

Isso que eu queria te perguntar, então nós vamos esperar a foto.

Queria lembrar o seguinte, que eu acho, tem estudos na Argentina, eu não cheguei a ver aqui no Brasil, estudos mais detalhados sobre esse assunto. Se os centros clandestinos de tortura aqui no Brasil são considerados campos de concentração ou não. Isso é uma discussão teórica, muito teórica, mas nos interessa de uma certa forma porque o campo de concentração, ele é clandestino, ele tem certas características, que os nazistas montaram campo de concentração, evidentemente que os nosso não vão ser iguais, mas...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Guardadas as devidas proporções...

**A SRA. AMELINHA TELES –** As proporções e as distâncias e os aspectos culturais, mas seria, a Operação Bandeirante, isso para tese, mas é uma discussão que a gente faz e que a gente deve prestar atenção aqui nas audiências porque seria, a Operação Bandeirante, ou Bandeirantes, ou DOI-CODI, ele é um centro clandestino de tortura, nós nem chamamos de centro clandestino de tortura porque...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Centro legal de tortura não existe.

**A SRA. AMELINHA TELES –** É, não existe também.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Nem a ditadura é aceita, legalmente é...

**A SRA. AMELINHA TELES –** É,um centro legal de tortura nós não vamos ver. Então, é que quando a gente fala os centros clandestinos de tortura nós estamos pensando nos sítios, naquelas casas da morte, que são fora das instituições.

A OBAN ela é um híbrido, porque ele tem uma parte que é a delegacia, 36ª, e outra parte que ninguém nunca esclareceu, que é aquela outra parte. Ela funciona nos dois prédios como centro de tortura, de assassinado, de desaparecimento. Funciona nos dois prédios, mas isso é bastante, eu acho que tem que ser bem esclarecido aqui durante essas audiências, porque nós estamos pleiteando recuperar, ali ter um centro de memória, fazer um centro de memória na Operação Bandeirante, onde foi a Operação Bandeirante, que é a 36ª.

Porque não é só lá atrás, você acha que ficou lá atrás, naquela parte, você ficou na frente. Mas, por exemplo, na minha época, muitas pessoas foram torturadas, eu mesma fui torturada e vi um assassinado, sou testemunha ocular de um assassinato dentro da 36ª Delegacia, do Carlos Nicolau Danielli, ele era um dirigente comunista, ele é assassinado dentro da 36ª Delegacia, não é lá atrás.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não, mas eu não...

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não, estou só esclarecendo. Não, não estou esclarecendo para você, Ieda, que você é da minha luta, você já sabe. Mas eu estou colocando aqui porque isso, às vezes vai pleitear, hoje outras pessoas entram nessa luta e não conhece essa história, então é bom a gente reforçar isso.

Agora, o campo de concentração, uma característica dele que nós sempre ficamos na dúvida se a gente chamaria os nossos de campo de concentração, é o trabalho. E quando você fala eu você está trabalhando na cozinha isto é campo de concentração.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não fosse eu judia, não é?

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não, sim, ainda pega a judia e põe, as características, isso fica muito acentuado, para mim, porque é uma preocupação que eu tenho em definir o campo de contração, isso é uma questão conceitual, mas que eu acho importante.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Mas a sensação, se você pensar, chega determinada altura que você está ali, eu estava me sentindo personagem de filme de campo, você fica...

**A SRA. AMELINHA TELES –** Eu entendi. Mas eu acho que essa questão do campo de concentração fica uma característica forte essa questão do trabalho, porque se a gente for pegar lá a ESMA, que é a Escola Mecânica Armada, lá em Buenos Aires, lá hoje é um centro de memória, de direitos humanos, mas é um local onde nós vamos ter o trabalho como uma atividade...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Como forma de dominação.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Como uma atividade permanente dos presos que ali se encontram. Trabalho assim, eles eram obrigados a fazer passaporte falso para os próprios policiais, que atuavam ali e outras coisas mais.

Então, quando você falou do trabalho o que me impressionou foi isso, se poderíamos caracterizar a Operação Bandeirante como um campo de concentração?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Guardadas as devidas proporções, com certeza.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Poderíamos? Pois é. Fica essa questão.

Agora o livro chegou. Você marcou aqui ou não? Não. Então eu vou procurar, mas eu queria. Você vai falar, que eu vou procurar aqui no livro aí você fala.

É o seguinte, Elza, eu queria saber se o Diógenes Arruda, porque o Diógenes Arruda foi companheiro do meu Partido, ele era do meu partido quando eu era daquele Partido, que era o Partido Comunista do Brasil, e ele foi torturado e denunciou essa tortura e ele era uma pessoa que se, e ele foi torturado mas ele também denunciou bastante a tortura, e eu tinha a impressão, e eu vivia clandestina, quando ele foi preso, então eu não podia visitá-lo.

Eu tinha informações que eram, chegavam até a mim, vindas de vários lugares até, então você perde muitos elementos dessa informação. Mas eu tinha a impressão que ele foi torturado também dentro do quartel, porque sempre isso era muito comentado no Partido, que ele tinha sido preso, que ele foi torturado na OBAN, mas que ele foi torturado no quartel.

**A SRA. ELZA LOBO –** Ele foi torturado no DOPS também.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Sim, no DOPS, claro, porque o Fleury não suportava o Diógenes Arruda, imagina. Isso quem conheceu o Diógenes Arruda sabia. Ele era uma pessoa que não, ele não fazia concessão de jeito nenhum, ele foi muito digno, ele era um comunista e ele falava, “Eu sou comunista”.

**A SRA. ELZA LOBO –** Da esquerda para a direita, da direita para esquerda, de cima para baixo...

**A SRA. AMELINHA TELES –** Isso. “E não vou falar”. E não vai falar. E ele falava para os caras mesmo, “Eu não vou falar. Comunista não fala”. E ele se manteve.

**A SRA. ELZA LOBO –** O Gaeta, na OBAN, quando o torturado falando do Luiz Eduardo Merlino falou, esse cara parece o Arrudão.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Está parecendo o Arrudão.

**A SRA. ELZA LOBO –** “(ininteligível 1:32:00) relógio torturando ele e o desgraçado não falou. Esse aqui também não quer falar”.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Pois é. E o Arrudão ele foi, comportamento dele foi o tempo todo assim. Felizmente, isso eu vi, porque o Arrudão tinha várias características, mas essa da firmeza, da dignidade, essa, ninguém, da dignidade na prisão, ninguém critica.

Porque às vezes a gente, e aí eu queria saber se ele passou pelo quartel, porque para nós é importante a gente saber, porque nós estamos procurando como é que foram mortos, como é que foram desaparecidos, aonde é que eles passaram, e ainda nós temos poucos elementos para esclarecer isso, mas...

**A SRA. ELZA LOBO –** O que eu me lembro é que ele também foi levado para o Rio de Janeiro, não ficou só em São Paulo, então, quando a gente estava em São Paulo e ele foi levado para depoimento no Rio de Janeiro.

E foi realmente uma pessoa assim muito correta, muito digna de estar sempre com a defesa dos princípios que ele acreditava. Então eu acho que assim, a gente pode ter diferenças de outra natureza, mas em relação a postura dele não. Quer dizer, é uma pessoa muito correta, muito digna em relação ao que ele acreditava, não é.

Agora, o que eu estava lembrando também é assim, até algum tempo atrás, aquele pessoal ligado à Record, que estava fazendo também um levantamento dos locais de sítios de tortura, um dos locais é ali perto de Carapicuíba. E eu me lembro de, na minha época de acadêmica, de estar mais em contato com essas festas populares e tudo e a gente fazia a festa de Santa, Cruzinha perto de Carapicuíba, e quando, passada prisão, passado o exílio, quando voltei que voltei lá no local, fiquei sabendo que lá tinha um local de tortura, onde várias pessoas foram para lá.

E aí, como a pessoa que comentou era morador, então deveria saber o que estava acontecendo, com aquele pessoal da Record que estava fazendo também aquele levantamento, eu passei para eles a informação. Agora, nunca soube realmente depois se chegou, se confirmaram ou não.

Mas, eu acho que assim, em um momento, você tem esses locais como locais de festa, de tudo, e em um outro momento, aquele local se transforma em um local de tortura.

**A SRA IEDA DE SEIXAS –** Quem desapareceu foi o Mariano Joaquim.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não, ele é 1970.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS -** Em 1970. Poderia até ser, mas foi em 1971, por volta de 28...O Antônio foi preso dia 21, foi uma semana eu acho. Deixa eu ver, 21, 23, 24, 25...

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não. Não pode ser. Esse levantamento que o, essa pergunta que eu fiz aqui para ela sobre o Marco Antônio Dias Batista, se ele é a mesma pessoa que ela viu sendo morta na Operação Bandeirante, não pode ser a mesma pessoa por causa do ano.

Eu me confundi. Eu achei que era 1971, mas é 1970. Ele é 1970. Então é um ano de diferença. Não é.

**A SRA. ELZA LOBO –** Ele é biótipo desse moço que está do lado do Adriano.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não é. Por causa do ano, não é possível. Em 1971, ele já tinha desaparecido. Ele não ia ficar um ano lá...

**A SRA. ELZA LOBO –** Não. Só o Edgard...

**A SRA. AMELINHA TELES –** Só o Edgard Aquino Duarte que ficou dois anos. Mas a gente não sabe de outro caso que tenha ficado ali na Operação Bandeirante.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não. Ele chegou na Operação Bandeirantes.

**A SRA. AMELINHA TELES –** E eu acho que fica descartada essa hipótese. Nesse momento fica descartada essa hipótese. Eu estava tentando lembrar...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** A sensação que eu tenho, Amelinha, é que esse menino ele não tinha...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT-** Amelinha, fala o nome da pessoa que vai falar.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Quem vai falar agora é a Ieda de Seixas.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** De novo?

**A SRA. AMELINHA TELES –** Você não está falando?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Estou tecendo comentário. Não, que é o seguinte, esse menino, a sensação que eu tenho é que, pelo comportamento dele durante a tortura, é que eles queriam saber de alguém e esse menino não tinha a menor ideia. Tanto que surge a palavra Santos, eu não sei se era José Santos, cidade de Santos, e era um menino que ele não, todo, tudo, não é a questão de ele responder simplesmente “Não sei” para se livrar da tortura ou porque era um cara muito firme.

Ele, efetivamente, ninguém, acho meio difícil alguém usar uma expressão, “Pelo amor de Deus, eu não sei do que vocês estão falando”. Isso não me parece, não me parece, eu posso estar enganada, de um militante na tortura pode dizer não sei, não sei, não sei. Mas esse “Pelo amor de Deus” me parecia uma pessoa que não pertencia aquele mundo, entendeu?

É isso. Mas é. Tanto que ele estava meio assustado na hora que chegou, porque sentaram ele, eu lembro da camisa do garoto, era uma camisa clara com risquinho azul e a manga da camisa, que ela era curta aqui, e estava frio, gozado. Isso foi em abril, estava, mas ele estava de manga de camisa. Que estranho. Aquele garoto deve ter vindo de algum lugar que era quente, provavelmente.

Ele estava com o cabelo parecia que molhado, sei lá se era gel, gomex, provavelmente, porque o cabelo dele era liso, e ele estava com uma calça social meio bege e eu lembro que a camisa era branca com uns risquinhos azuis ou cinza, sei lá, uma coisa assim, e o comportamento dele era uma coisa do tipo, “Pelo amor de Deus, mas eu não sei o que é que vocês estão dizendo”.

Era a única coisa que a gente ouvia. E foi até o fim. E esse menino efetivamente desapareceu, porque ele não foi levado junto, para baixo, junto com os meninos. O corpo dele, eles apagaram as luzes e a gente ouviu aquele, os caras correndo pela escada, descendo, o barulho, e nunca mais, e depois a reação daquele demônio lá, do tal do major Edgar entrar e dizer assim, “Não, não aconteceu isso, vocês estão loucas”. “Como não aconteceu se nós...”. “Não, não, não. Vocês estão loucas. Isso não aconteceu”.

Nem apagou a luz. Então uma coisa muito estranha. A sensação que eu tenho é que esse menino ele foi preso porque queriam, assim, aquelas coisas de querer saber quem é, e eles exageraram na mão e o rapaz morreu.

**A SRA. ELZA LOBO –** Então, nesse exagero de mão, eu acho que assim, era uma das posturas que eles faziam questão de colocar.

Por exemplo, quando eu fui levada junto com a Cidinha Santos, de Ribeirão, do DOPS para o presídio Tiradentes, eles nos colocaram, primeiro a saída dali, onde hoje é o Memorial da Resistência, que ali era o presídio, o presídio maior do outro lado, mas ali você tinha as celas, tinha tudo. Quando a gente saiu dali eles tinham a população, do lado de fora, ficava esperando quem ia sair, e eles faziam questão de deixar juntar público para ver os terroristas que estavam saindo.

Então o que é que eles faziam? Eles punham o pessoal todo com metralhadora, você entrava dentro da caminhonete, do carro, e aí vinha um policial atrás com a arma na tua cabeça, estava eu e a Cidinha no banco de trás, e o Paulo de Tarso Venceslau na frente.

Então, no Paulo de Tarso, eles punham a arma na testa e, na Cidinha e em mim nas costas, porque eles estavam atrás de nós. E iam ali do presídio, para o Presídio Tiradentes dali do DOPS, até lá, com a maior velocidade que era para você levar susto, para você achar que ia desequilibrar, que você podia estar sendo, enfim, era realmente psicológico.

E quando você chegava no presídio, eles faziam você ficar nu e ficar fazendo movimento para ver se não tinha nada na vagina, para ver se não tinha escondido nada, aquele agachamento para poder estar... Então, era uma forma de desestruturar a pessoa na sua intimidade, na sua forma e ser.

Então, essas nuances todas elas acabam não sendo muito difundidas porque as pessoas recatam a sua dignidade, não querem que a família fique sabendo que aconteceu isso e tudo, mas foram situações que eram comuns no dia a dia.

**A SRA. AMELINHA TELES –** No dia a dia.

Mas, eu posso fazer uma outra pergunta para a Ieda? Porque, quando você, a Ieda. Porque a Ieda, ontem nós ouvimos um agente, um agente.

Eu sou Amelinha Teles, da Comissão da Verdade, e eu quero fazer uma pergunta para Ieda de Seixas.

Ontem nós ouvimos um agente, um ex-sargento do Exército que trabalhou com os torturadores e demais funcionários, ali da Operação Bandeirante, que trabalhou no DOI-CODI, e ele falou que tinha quatro mulheres que atuavam junto com os torturadores e com os demais funcionários ali da Operação Bandeirante. E uma delas era Beatriz ou Bia e era loira. Por isso que quando você...

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não, não, essa menina era Beatrice. A história dela...

**A SRA. AMELINHA TELES –** E não era loira não? Ieda de Seixas.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Não. A história dessa moça é uma história meio louca porque ela apareceu na Operação Bandeirante. É uma história louca. Não, não. Ela apareceu e eu vou dizer o quê. A gente estava no banheiro e a Iara já viu ela sendo interrogada. Os caras não sabiam que a Iara estava vendo.

Os próprios caras da OBAN não sabiam quem era a moça, porque ela apareceu assim da madrugada para manhã, com fita nos olhos e na boca e nos braços. Alguém colocou ela ali.

Quer dizer, existem várias teorias. Algum daqueles diabos ali veio de noite, o cara tinha livre acesso, largou a mulher e foi embora. Ela estava, como é que se diz?

**A SRA. AMELINHA TELES –** Amordaçada.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Amordaçada. Porque ela tinha uma fita na boca. E essa moça ela era estudante de Arquitetura, tinha um comportamento estranho e ela permaneceu muito tempo no DOI-CODI, porque ela não perguntava, não queria saber nada, mas ela tinha umas coisas assim, “Ai, meus dedos estão enferrujando porque eu não posso tocar piano”. E uma pessoa sendo torturada. O que é que você faz com uma pessoa dessa? Você quer bater, não é? Mais uma vez.

Ela tinha um comportamento, tanto que a gente alijou ela. A gente não deixava ela participar de nada, porque ela era estranha. E ela permaneceu muito tempo. Depois que a gente saiu do DOPS, nós fomos para o DOPS, elas voltaram, ela com a minha mãe e o Tibiriçá, o Brilhante Ustra disse, “Bota junto para ver se ela enlouquece a velha”.

Só que minha mãe enlouqueceu a moça, porque ela começou a contar umas histórias de círculo do fogo, enfim, umas histórias lá e a moça teve que entrar na da minha mãe. Mas o nome dela era Beatrice, ela era belga, tinha sotaque, tinhas umas históricas malucas de que ela era sobrinha do Rei Carol e que ela fugiu da Romênia, mas ao mesmo tempo, não sei o que tinha, belga, e que chegou em um porto e não tinha luz, incendiaram o irmão dela de 9 anos, para poder iluminar o porto, os comunistas fizeram isso.

Quer dizer, aí eu disse, “Seu irmão devia ser muito grande, não é? Porque como é que você vai incendiar uma pessoa para iluminar um porto, o gurizinho tinha só 9 anos”. A mulher eu não sei até hoje qual é a dela, porque se você perguntar para a Lenira, para qualquer uma que foi, mas é verdade. Eu acho que ela foi colocada ali para enlouquecer a gente, só que a gente deu um nó nela, porque nós, eu e a minha irmã e aí aparece a Tânia Mendes e a gente diz, “olha, não fala com ela”.

Mas era Beatrice e ela permaneceu presa, eu não sei o sobrenome dela, ela tinha um sobrenome e falava francês, ela era belga, porque ela tinha sotaque inclusive. Ela tinha ligação com o pessoal da AP, porque foi presa uma moça da AP, na hora que a moça chegou na cela do lado, essa mulher ficou tão nervosa que ela quase que arrombou a parede para poder falar com essa pessoa, que eu não lembro quem era a moça. Mas era Beatrice, não era Beatriz, e não era loira, era morena.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Eu acho assim, eu queria fazer uma proposta de resolução, encaminhamento da Comissão da Verdade. Tem que ser convocado aqui o delegado de polícia Davi dos Santos Araújo, pela denúncia, outras denúncias que foram feitas aqui a respeito da atuação dele, aquele que diz que não tortura mulher feia.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** O pior é ser abusada por um ogro daqueles. Se fosse um cara bonito ainda vá lá, mas pelo amor de Deus.

**A SRA. AMELINHA TELES –** Então é necessário que ele preste depoimento, que ele preste esclarecimentos sobre os crimes que ele cometeu.

Porque aqui ele já apareceu no caso do Aylton Mortati, tem um exame, um pedido de exame, uma requisição de exame de laudo necroscópico assinado por ele, dizendo que encontrou um cadáver bem no dia, nos dias que o Aylton Mortati teria sido preso, porque o Aylton Mortati deveria ter sido preso no dia 4 de novembro de 1971 e morre, quer dizer, a gente nunca sabe o final, que ele é um desaparecido, mas lá nesse documento do Davi dos Santos, assinado pelo Davi dos Santos Araújo, ele teria, ele, Davi, encontrou um cadáver debaixo do Viaduto Bresser.

Quer dizer, é estranho um delegado de polícia estar andando na rua e encontra um cadáver debaixo do Viaduto Bresser, no dia 14 de novembro de 1971

Não, era o Mortati. Era o Mortati. E está escrito 36ª delegacia, que a 36ª é aqui no Paraíso.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Que é a OBAN.

**A SRA. AMELINHA TELES** – Não. Sim. Claro. A 36ª aqui no Paraíso e e ele acha lá na Bresser, que não é nem função dele estar ali vasculhando o Bresser.

E ele risca, tem dois x, não é risca, bate, naquele tempo que tinha máquina de datilografia tinha o x, quando você errava você não punha x? Então ele põe x em cima do 36ª e põe em cima 25, 25ª.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Ah, ele pegou um negócio da 36ª...

**A SRA. AMELINHA TELES** – É, mas ele esqueceu que ele assinou, está assinado Davi dos Santos Araújo, então eu acho que ele tem que ser ouvido aqui por essa Comissão, esse é um dos assassinos do seu pai, que é o Joaquim Alencar de Seixas, que foi assassinado no dia 17 de abril de 1971, aqui em São Paulo, na Operação Bandeirante, e ele foi o cara que a estuprou, não é, Ieda?

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** É.É considerado estupro. Fundo de garrafa. A minha violação foi manual.

**A SRA. AMELINHA TELES –** É. Mas é estupro.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** É estupro**.**

**A SRA. AMELINHA TELES – É** estupro. Então isso aqui tem que ser registrada essa denúncia e ele tem que esclarecer para a Comissão da Verdade, tanto a Comissão Estadual, como a Comissão Nacional da Verdade.

**A SRA. IEDA DE SEIXAS –** Ele disse que não torturava mulher feia.O duro é ser abusada sexualmente por um ogro.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Bom, Elza, quer falar mais alguma coisa para concluir? Chega de sofrimento não é?

Bom, eu queria agradecer a presença de todos e todas, e até fazer esse encaminhamento que você falou, Amelinha, tem que aprovar, esse encaminhamento tem que aprovar.

O pessoal da Agência Brasil está aqui hoje não é? Eu vou fazer uma solicitação no ar, como a TV Assembleia tem as imagens via internet, a gente gostaria de saber se a TV Brasil não poderia retransmitir ou pelo menos aproveitar, pedir as imagens. Isso é importante para a gente.

Está bom. Então hoje nós estamos encerrando nossos depoimentos. Amanhã não vai haver sessão, não é Amélia?

**A SRA. AMELINHA TELES –** Não.

**O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT –** Certo. Então amanhã ao meio-dia lá na Geologia na ESP vai ter a Caravana da Anistia, com reconhecimento da morte do Alexandre, o Queiroz ainda vai ficar para uma outra oportunidade, as 18h, na Catedral, tem a missa do Vannucchi, na Catedral, hoje à noite tem o show, às 19h, no Centro Cultural Vergueiro, do Sérgio Ricardo, que ele vai falar do calabouço.

Amanhã, sábado as 15h, 3º edição do Projeto Cine Bijou, Cine Memória, com o Núcleo da Memória, exibição do documentário “1964, Um Golpe Contra o Brasil”, de Alípio Freire, na Praça Roosevelt, 184. Quem quiser confirmar são dois e-mails, [andresa@pjsp.org.br](mailto:andresa@pjsp.org.br) ou [contato@nucleomemoria.org.br](mailto:contato@nucleomemoria.org.br).

E, finalmente, domingo, às 19h, mudança do nome do Studio 184 para Teatro Studio Heleny Guariba, Praça Roosevelt, 184.

Agradecer as companheiras, Elza Lobo e Ieda de Seixas, pela coragem, pela força do depoimento. Queria fazer um requerimento, que a TV Assembleia editasse a gravação do Merlino para a gente poder, para a gente entregar para a família, em primeiro lugar, a gravação do Merlino para a gente começar a utilizar, talvez a gente possa até usar lá no Bijou, porque a Dulce vai anunciar lá o Projeto.

Ninguém quer falar nada mais não?

Bom, não havendo mais nada declarar, nada a ser dito, damos por encerrada a presente Sessão.

Obrigado.

\* \* \*